

Coisas do Mercado

Os ministros Dilson Funaro e João Sayad chegaram ontem no final da tarde ao Palácio do Planalto acreditando que dariam uma entrevista coletiva à imprensa sobre as medidas que o presidente anunciaria horas depois. Na verdade assistiram a quase uma manifestação, encenada pelos próprios jornalistas, inconformados com os problemas que o pacote anticonsumo provocaria na vida da classe média.

Uma jornalista mais exaltada fez um discurso antipoupança com palavras de ordem ainda não lançadas por nenhum movimento que se conheça:

— Quero meu direito de ser perdulária. Não quero poupar. Não gosto de poupar.

Funaro explicava, didaticamente, que o consumo brasileiro havia aumentado em todas as áreas. E deu um exemplo:

— O consumo de cerveja este ano está 55% maior do que no ano passado e ainda tem gente que está ficando sem cerveja.

Os protestos continuaram em nome dos direitos lesados da classe média. Funaro resolveu assumir o papel de entrevistador e quis saber em que isto afetará a classe média. E o que se passava na apertada sala de briefing do Palácio do Planalto ficava cada vez menos parecido com uma entrevista.

Um jornalista abandonou a sala soltando imprecações diante de um estupefacto Henry Phillippe Reischstull, secretário geral da Seplan, que à porta da sala explicava detalhes do projeto para um renomado repórter barrado na entrada por um funcionário que se limitava a dizer:

— É preciso estar inscrito. Eu não sei onde, mas é preciso estar inscrito.

Encerrada a entrevista, ainda assim os protestos continuaram. Funaro, na saída, foi abordado por um repórter que garantiu:

— Eu não vou votar no senhor.

E Funaro, parafraseando Chico Buarque, respondeu: — Mas o seu filho vai.

Pai da criança

Presidência e Fazenda disputam a paternidade do voto ao empréstimo compulsório da energia elétrica. Na Fazenda há quem garanta ter visto o ministro afirmar que o empréstimo na energia ia arrecadar uma quantia irrisória: entre um e meio e dois bilhões de cruzados, e que afetaria quem tivesse menor poder aquisitivo. No palácio do Planalto há quem jure que viu o presidente de próprio punho riscar esta medida da minuta enviada pela área econômica.

Mudanças

Rumores de que estão sendo preparadas mudanças no Banco Central. Será criada

uma diretoria do Bnh a ser assumida por Lycio de Faria. Em outro ato, seria extinta a

diretoria de Crédito Rural e Industrial —

que em outras épocas esteve para ser extinta

e não foi por motivos políticos, e seu atual

diretor Hélio Ribeiro assumiria a diretoria

de Administração. As funções de fomento

da diretoria de crédito rural passariam para

o Banco do Brasil.

Rusgas

A explicação dada por fontes da área

econômica do governo para os rumores de

rusgas entre a Fazenda e o Planejamento é

que a imprensa estaria fazendo “multiplicação dos pães” ou dos fatos. Na verdade,

segundo admitem estes assessores, ocorrem

divergências. Brigas não.

Na preparação do livro branco do déficit, por exemplo, funcionários dos dois

ministérios esgrimaram tecnicamente para cal-

cular o crescimento do Produto Interno

Bruto. É que a variação de um ponto

percentual no PIB representava um aumento

de 0,5% na relação déficit público/PIB.

Na hora de calcular a receita, por várias

vezes as contas não bateram.

O Ministro Funaro a certa altura da

preparação do pacote bateu o pé: Não

aceitava que os recursos do Fundo fossem

usados no custeio. Todo o dinheiro deveria

ser reservado para investimentos.

Silêncio

O chanceler Abreu Sodré tem tentado

falar pelo telefone com o Presidente José

Sarney desde domingo. Em vão.

Rusgas

A explicação dada por fontes da área

econômica do governo para os rumores de

rusgas entre a Fazenda e o Planejamento é

que a imprensa estaria fazendo “multiplicação dos pães” ou dos fatos. Na verdade,

segundo admitem estes assessores, ocorrem

divergências. Brigas não.

Na preparação do livro branco do déficit, por exemplo, funcionários dos dois

ministérios esgrimaram tecnicamente para cal-

cular o crescimento do Produto Interno

Bruto. É que a variação de um ponto

percentual no PIB representava um aumento

de 0,5% na relação déficit público/PIB.

Na hora de calcular a receita, por várias

vezes as contas não bateram.

O Ministro Funaro a certa altura da

preparação do pacote bateu o pé: Não

aceitava que os recursos do Fundo fossem

usados no custeio. Todo o dinheiro deveria

ser reservado para investimentos.